

ARQUEOLOGIA CRÍTICA LITERÁRIA

Herasmo Braga

O mundo hodierno tem sido refletido e caracterizado por diversos conceitos e ideais. Os mais utilizados são sociedade pós-moderna, modernidade tardia, modernidade avançada, modernidade líquida, modernidade virtual. O filósofo coreano Byung-Chul Han, assenta no conceito de mundo da produção – ou mundo positivo. Esse modelo de interpretação da contemporaneidade contempla a seguinte forma de pensar: “A sociedade do século XXI já não é uma sociedade disciplinar, mas, sim, uma sociedade de produção. Os seus habitantes já não são, por sua vez, “sujeitos de obediência”, mas, sim, sujeitos de produção” (2014, p. 18). E tendo como base a ansiedade da produção o homem passa a individualizar a própria escravidão, i.e, internaliza em si a necessidade de sempre produzir, deixando de lado quase que por completo a ação da reflexão.

Direcionar essas observações para o campo da crítica literária e lançar uma pequena reflexão acerca dela, constitui o propósito destas linhas. Apresentando aspectos do quanto nos têm atingidos os dilemas efêmeros e fragmentários da sociedade atual e apresentando como sujeito ativo na produção crítica a figura do arqueólogo crítico-literário.

I

No momento dos avanços tecnológicos acentuados, da facilitação da produção de bens de consumo, da comunicação simultânea e instantânea, na criação e desenvolvimento de uma vida fora do espaço físico, observamos que

regredimos assustadoramente em feitos e princípios que nos davam referenciais para uma vida em sociedade mais qualificada.

Hoje, no mundo dos só direitos, o espírito predominante é o da **coletividade do ressentimento**. E todos os possíveis acréscimos trazidos pela modernidade e acentuados pela pós-modernidade se perdem pelo desconhecimento e simplificação. Resumimos complexos problemas com apenas sugestões de cunho moralista tosco, religioso ou mesmo apenas com base nas informações superficiais jornalísticas. E o pensamento do politicamente correto acaba por coagir a convivência social. Faz com que a simplificação de ideias, teorias, e reflexões apressadas tornem os sujeitos desprovidos de consciências. E os totens artificiais acabem por orientar, exclusivamente, estes sujeitos voltados para um **aparentar ser**. Vazio de sentidos, mas válido na atual convivência social. Com isso, obras como o de Pierre Bayard intitulada *Como falar dos livros que não lemos?* acabem por projetarem forte representação no meio social mesmo que ele defenda a seguinte ideia:

Um postulado implícito de nossa cultura é que é necessário ter lido um livro para falar dele com um pouco de precisão. Mas, de acordo com minha experiência, é perfeitamente possível manter uma conversa apaixonante a propósito de um livro que não se leu, inclusive, e talvez sobretudo, com alguém que também não o leu. (2007, p. 15)

Como seria possível se falar de uma cidade que não se conhece? Qual fidelidade sensitiva de se pilotar uma moto em meio a uma estrada quando não se sabe nem andar de bicicleta? Qual a confiabilidade dos números apresentados em um balanço de uma empresa feita por quem não concebe realizar nenhuma das operações básicas da matemática? Tudo isso seria um absurdo, como também é se falar de obras em que não se leu, junto com outro que também não realizou a leitura. Todavia, esse tipo de ação, traz em si, os sentimentos hegemônicos da atualidade: **mais do que ser**, é melhor

aparentar ser; mais do que ler, é melhor aparentar que leu, mais do que viver, é aparentar que viveu, mais do que saber, é melhor aparentar que se sabe. E tudo isso ocorre diante de um mundo marcado pela positividade que segundo Byung-Chul Han caracteriza-se:

A sociedade disciplinar é uma sociedade da negatividade. Ela é determinada pela negatividade da proibição. O verbo negativo que a domina é o “não poder”. O próprio verbo “dever” tem ainda uma carga negativa – a da obrigatoriedade.

A sociedade da produção é caracterizada pelo verbo positivo *poder* –um verbo que não conhece limites. O plural coletivo, elevado à máxima afirmativa *Yes, we can*, traduz precisamente o caráter positivo da sociedade de produção. (2014, p. 19-20)

E sob essa ideia do tudo possível, Bayard não se apresenta fora do contexto atual. Ele reflete bem os sinais do mundo contemporâneo. Da fragilização na formação de indivíduos. Assim, diante deste **mundo positivo**, da presença maciça de informações com o bombardeamento delas, desenvolvem-se sujeitos passivos, desprovidos de ações construtoras de ideias. Com isso, o automatismo das atitudes e dos pensamentos constitui apenas alguns dos sintomas contemporâneos. Acredita-se, portanto, ser uma perda de tempo estender-se em leitura de uma obra relevante, pertencente a uma das tradições do pensamento, quando se poderia estar lendo outras coisas instantaneamente, ou mesmo, fazendo outras coisas como atividades de consumo de produtos.

II

Hans Gumbrecht também traz valorosas reflexões sobre o nosso momento histórico e sobre a análise crítica das ordens estéticas. Duas importantes obras suas *Produção de Presença* (2010) e *Atmosfera, ambiência*,

Stimmung (2014), destacam que no mundo atual o conhecimento tem se feito muito mais na **produção de sentido** do que na **produção de presença**. Segundo Gumbrecht elas se caracterizam, resumidamente, como sendo a **produção de sentido** as sucessivas interpretações que se faz tomando até mesmo como base outras sem com isso ter-se estabelecido o contato com o objeto. Isso nasce da ideia de que tudo é passível de interpretação e tudo tem uma essência esperando para ser desvendada. Já a **produção de presença** se constitui primeiramente pelo contato direto com o objeto e a partir deste momento se constitui uma experiência estética. E esta experiência será compartilhada através das interpretações por quem de fato teve contato com o objeto de estudo.

Assim, diante dessas abordagens e vinculando-as a produção crítica literária, observamos o predomínio ou quase exclusividade das **produções de sentido**. E isso acontece tanto na esfera acadêmica, como também, nos espaços fora dos muros universitários. O percurso dos estudos críticos realizados inicia-se da passagem de uma abordagem crítica anterior, imperada em impressões, i.e., nos critérios de gostos pessoais, para em seguida ser uma de teorização e cientificação da avaliação de uma obra literária e, finalmente, encontrarmo-nos em uma análise em que a tônica maior é de ordem ideológica. Respalhada em um discurso messiânico de reparação histórica em favor de todos aqueles que se sentiram ou se sentem injustiçados e/ou oprimidos pela história e pela vida social. Assim, desconsidera-se ou mesmo toma-se como inimigo todo autor ou obra que não tenha sido vitimado ao longo da nossa história.

A essa inferiorização cada vez mais acentuada da tradição com o não reconhecimento dela como referência de memória seletiva não só da Literatura, mas de toda a cultura humana Raniere Ribas no seu texto “*A crise da poesia brasileira contemporânea – considerações de um leitor cansado [parte 04]*” (Revista Desenredos, número 1, 2009), irá conceituar essa descaracterização

da tradição literária, como sendo uma **privatização da tradição**. E ela se caracterizaria por ser:

A privatização da tradição funciona assim como uma auto-ilusão ou como um princípio do prazer: é como se o mundo nascesse simultaneamente à experiência que o poeta vivencia. (...) A sabedoria é substituída pela ideia de conhecimento cumulativo, o espírito é destituído pelas noções da técnica imanente. (...) Toda autoridade externa está destituída.

Com essa ideia formulada por Ribas, evidencia-se um comportamento que poderíamos tomar, dentro de uma linha sistematizada em três sentidos: ingenuidade, malícia e oportunismo. Os discursos de vitimizações que assolam os campos das ideias produzem prejuízos em que as gerações futuras serão comprometidas. Primeira pela fragilização e depois pela queda de importantes pilares da vida sócio-histórico-cultural humana, constituída por milhares de anos e não somente por algumas décadas recentes. Podemos constatar isso na formação de leitores e de críticos literários cada vez menos seletivos e só existirá um crítico de qualidade se a sua constituição tiver sido marcada, fortemente, por uma seletividade e qualificação de uma primorosa base de leitura.

No entanto, na atualidade estamos sob a tutela do “mais do mesmo”. Sejam nas obras, teorias, análises, debates. Todos estarão girando sobre as identidades e suas crises. Imperando os ideologismos de gênero, raça, sexualidade, espaçamento geográfico, condição social, localização de moradia, regada aos tons dos sentimentos de vitimização e ressentimento. E os teóricos usados e abusados não fogem muito de Foucault, Deleuze, Stuart Hall, Édouard Glissant, Homi Bhabha. Com isso, as abordagens antropológicas ou de outros campos de interpretação social e cultural acabam sendo inseridas dentro das análises das obras literárias sem a devida contribuição analítica, atuando apenas como fundamentação ideológica e se somando por provocar a

insignificação das produções literárias, já que muitas das vezes, elas são utilizadas apenas como pretextos de discussões de natureza panfletárias com suas reivindicações sociais. Isso faz o debate literário e até mesmo os diálogos entre a literatura e a sociedade ficarem marginalizados devido ao despreparo dos seus expositores.

Ressaltamos que não há qualquer mal em se abordar questões relacionadas a autores ou obras marginalizadas pela tradição literária. Muito pelo contrário. Exercer uma ação crítica e reflexiva de autores com produções relevantes deve ser considerado até uma obrigação ética e moral. Todavia, não devemos nos furtar do objeto de estudo literário e do claro propósito da teoria literária na potencialização das interpretações dos textos ficcionais. Articulando elos significativos, diálogos relevantes entre a obra, a sociedade, o indivíduo, a história e a cultura.

Advertimos, no entanto, que mesmo sob o prisma da interdisciplinaridade analítica-crítica das obras, os limites interpretativos devem ser assegurados, como destaca grandes críticos culturais como Umberto Eco em *Obra Aberta* e *Os Limites da Interpretação*. No caso da crítica literária as discussões e desenvolvimento teórico-analítico devem ter como centro a obra literária, que por sua vez, deve ser dissecada sob uma determinada proposta de pensamento. Assim, o texto literário deverá ficar sob a tutela da teoria que servirá como bússola na orientação e fundamentação de uma determinada especificidade mediante inúmeras singularidades de uma obra.

Elementos externos a obra podem no máximo, quando forem significativos, complementarem linhas interpretativas, mas nunca substituí-la. Portanto, um estudo interpretativo não deve atuar motivado, exclusivamente, por uma base ideológica, sob a batuta de um monodiscurso reivindicativo, oferecendo a obra apenas uma atuação meramente secundária. Menos ainda, a produção ficcional deve ser utilizada como instrumento de comprovação de

uma dada teoria, pois como já mencionamos, a teoria serve para potencializar linhas interpretativas das obras e exerce papel secundário em relação aos gêneros ficcionais.

III

Reconhecemos a impossibilidade da neutralidade. Toda construção interpretativa e formativa atende determinada corrente ideológica. No entanto, é pertinente se ter consciência disso tanto enquanto leitor, crítico ou estudioso de qualquer campo do conhecimento. E assumir postura de pensamento. Mas, não se deve se fechar nela ou elegendo-a de maneira hierárquica mediante as outras.

Mediante estas observações, destacamos que a não filiação consciente de uma linha pensamento não significará neutralidade. O indivíduo irá atuar, mesmo sem uma consciência formativa, sob uma determinada orientação ideológica. Só que sua atuação se dará de maneira precária. Sendo manipulado pelas ondas modistas. E dentro do universo da Crítica Literária a frequência de encontros com sujeitos desprovidos desta clareza é alarmante. Muitos são movidos pelo automatismo equivocado, assumindo posturas dos seus docentes desde cursos de graduação estendendo-se nas pós. E fora deste universo acadêmico serão guiados pelos modismos simplórios do momento, da informatividade sem reflexão.

Retomando as ideias de Gumbrecht: o estudioso deve desenvolver uma condução de análise literária, partindo da obra para a teoria. Adotando um método substanciado para a realização interpretativa, em que se assegura que os estudos acerca do texto literário saiam da condição da **produção de sentidos**, que nada contribuem para a formação social nos âmbitos coletivos, para a **produção de presença** em que a experiência estética seja realizada, como a ideia trabalhada por Gumbrecht em *Atmosfera, ambiência, Stimmung*:

“concentra-se nas atmosferas e nos ambientes permite aos estudos literários reclamar a vitalidade e a proximidade estética que, em grande parte, desapareceram” (2014, p. 23). E essa proximidade tem sido desfeita por algumas correntes literárias que tomam como base as proposições do multiculturalismo que atacam obras canônicas, por exemplo, mas impõe, - como consigna Raniere Ribas (2009), um **Cânone Axiológico**. Realizando, portanto, uma “privatização da tradição” e destruindo conseqüentemente o caráter público e histórico de antes.

Acerca disso, Hans Gumbrecht nos apresenta uma ideia interessante:

Uma função mais importante dos textos literários é o potencial contido na sua concretude e na sua imediatez histórica. Entendo por “concretude” que cada atmosfera e cada ambiente – por mais semelhantes que sejam a outras – têm a qualidade singular de um fenômeno material. Podemos apontar para essa singularidade; porém, *qua* singularidade, nunca poderá ser definida em absoluto pela linguagem, nem circunscrita por conceitos (2014, p. 25-6)

E é nesse contato na interatividade entre o leitor e a obra; o crítico e a obra; a obra e análise; análise e teoria; obra, análise e teoria; quando na sua concretude que a significativa construção interpretativa produtora de uma ideia irá se desenvolver. Vivenciando essa experiência estética que levará a todos os sujeitos da rede a um compartilhar de ideias, experiências, vivências e pensamentos. Captando sob a luz das teorias as particularidades das obras. E, projetando em seus leitores a clarivisão interpretativa dos aspectos mais íntimos das produções ficcionais. É com base nestas linhas que um crítico deve atuar. Exercendo o compartilhar de saberes significativos, sem particularizar pensamentos provindos dos equívocos e ressentimentos atuais.

Diante destes contextos expostos, apresentamos a proposta de uma **arqueologia crítica** das interpretações críticas da Literatura. Como um arqueólogo que com habilidade e sensibilidade escolhe dentro de um terreno vasto apenas um pequeno quadrado para a sua escavação. Armado muitas vezes com apenas um pincel e com ele inicia o seu trabalho com paciência e dedicação, ele vai se aprofundando no terreno até o momento de um achado relevante para a comunidade acadêmica e conseqüentemente para a sociedade. Lembrando que durante o processo ele vai se deparar com inúmeros obstáculos e outros materiais irrelevantes, mas nem por isso, irá desistir ou se apegar ao mais fácil. Ou mesmo se contentar com algo insignificante. Continua com parcimônia a procura de algo significativo e que de fato possa ser digno do compartilhamento de saberes.

O trabalho de um crítico literário dentro da Arqueologia-Crítica-Literária, deve seguir os mesmos passos. Com uma formação abrangente de conhecimento e vivenciamento de obras, teoria e métodos críticos; desenvolvida sem o aspecto da doutrinação teórica ou de ressentimento social, emprega-se ao estudo profundo e sério de um pequeno quadrado do vasto terreno literário. Com dedicação não se deixa envolver por dificuldades do terreno e muito menos pelos modismos fúteis de análises apressadas que fazem apenas a “produção de sentido”. Também, não transforma o irrelevante em uma bandeira de lutas e injustiças em que se deve valorizar por outros motivos, menos pela qualidade literária. Desprovido do espírito narcisista e voltado para a contribuição e compartilhamento de importantes ideias e significativas abordagens para o coletivo social e não somente para um segmento.

Antoine Compagnon em *Literatura para quê?* Apresenta-nos diversas questões que dignificam o viver literário. E este viver não está associado somente ao produzir, mas sobretudo ao realizar-se pela experiência de degustar os diversos sabores que a Literatura com suas obras podem

proporcionar. Queremos destacar duas expressões-ideias. A primeira refere-se ao **saber de singularidades**. E nesta pluralidade de ordens interpretativas elevam o saber literário tanto para: quem a produz, quem ler e quem analisa. Atentar-se para essas singularidades e evidenciar algo contributivo não só para o enriquecimento intelectual, principalmente, para um conhecimento provocativo-reflexivo constitui uma das atividades do arqueólogo crítico.

Debater ideias, teorias, obras, faz parte do círculo literário. No entanto, tornar esse conhecimento algo significativo na vida dos sujeitos constitui ser coerente com uma das principais funções da literatura que é o despertar para alteridade. Portanto, em meio as possibilidades o arqueólogo crítico singulariza algo da obra que possa contribuir para a formação humana e intelectual dos indivíduos e contribuir para que o exercício da alteridade seja provocado. Não apontamos que a Literatura melhora as pessoas, mas as motiva para o despertar perceptivo para dadas realidades que fogem do automatismo dos dias, do olhar imparcial do cotidiano pouco atento as singularidades da vida e das pessoas. É um conhecimento somativo para a vida das pessoas.

Outra expressão-ideia de Compagnon, consiste na liberdade para **experiência imaginária**. Essa autonomia deve ser hegemônica tanto para quem produz a experiência ficcional, como também, para quem a vivência na leitura. E essa liberdade para **experiência imaginária** deve ser respeitada pelo o arqueólogo crítico e servir como condução na provocação das ideias de compreensão da obra.

Assim, ao se relacionar questões referentes ao trabalho crítico literário, devemos levar em destaque alguns aspectos. Um dos primeiros reside na compreensão da leitura do contexto presente da publicação da obra para perceber e avaliar o comportamento do leitor e até mesmo dos críticos. Ter o cuidado para não realizar anacronismo. A partir desta compreensão, deve o **arqueólogo-crítico literário** estabelecer um diálogo entre a obra literária com

suas singularidades diante dos aspectos contextuais das estruturas mentais da época, evitando cometer os erros ao realizar injustiças comparativas com épocas de sentimentos distintos. O arqueólogo-crítico literário deve captar na análise as duas composições de espírito nascente do amálgama de cada momento. Friccionando ideias que possam ser reflexivas e condizentes com as obras.

Faz-se necessário, portanto, a marcação clara do posicionamento teórico do crítico ao analisar uma obra. Vagar pelas mais diferentes correntes teóricas, dificultando, na sua exposição qualquer possibilidade de se estabelecer o eixo discursivo, constitui ou uma atitude de despreparo, ou mesmo, de malícia ao se lançar de acordo com as suas conveniências a abordagem analítica. Ser claro e definir seu posicionamento no exercício teórico-analítico constitui um dos preceitos relevantes para todo e qualquer crítico, em especial arqueólogo-crítico literário.

Outros pilares de sustentação crítica pairam na qualificação teórica da obra. Um deles incide em perceber que uma produção ficcional independe da teoria. O que de fato é imprescindível na construção de uma produção literária é o conhecimento de técnicas produtoras de determinados efeitos que serão significativos para leitura e interpretação. Assim, um produto literário goza da sua autonomia em relação a teoria. Com isso, quem direciona as possibilidades de caminhos interpretativos sempre será o produto ficcional. Mediante essa observação fica fácil constatar que uma obra literária jamais dependerá da teoria para validar sua existência ou mesmo o seu valor. E menos ainda terá como única ou maior finalidade servir de instrumento de comprovação de uma dada teoria literária.

Com isso, o **arqueólogo-crítico literário** deve reconhecer esses aspectos da autonomia e total independência da produção literária em relação à teoria. Assim, a filia teórica não deve ser marcada por um estabelecimento de uma hierarquização em que a sua identificação crítica do autor do estudo

exerça o topo da pirâmide. Portanto, se não é aceitável a privatização da tradição, também não será tomada como comportamento intelectual digno à hierarquização teórica, pautada no método do “próprio umbigo”.

Outro pilar de sustentação crítica recai sobre as limitações das interpretações. Deve-se reconhecer, com isso, que nem tudo é passível de interpretação. Essas ações de ver em tudo sempre possibilidade interpretativa nos remete ao conceito-ideia de Gumbrecht da **Produção de Sentido** e da **Produção de Presença** quando ele afirma:

Interpretar mundo quer dizer ir além da superfície material ou penetrar nessa superfície para identificar um sentido (isto é, algo espiritual) que deve estar atrás ou por baixo dela. Tona-se cada vez mais convencional pensar o mundo dos objetos e do corpo humano como superfícies que “exprimem” sentidos mais profundos. (...) A Interpretação do mundo começa a ser entendida como uma produção ativa de conhecimento acerca do mundo: é vista, acima de tudo, como algo que “extraí sentidos inerentes” dos objetos do mundo. (GUMBRECHT, 2010, p. 48)

E esse pensamento da possibilidade de tudo ser interpretado e tudo ter um sentido inerente faz com que as mais diversas especulações ganhem materialidade e acabem por produzir uma rede de pensamentos equivocados e distorcidos. Desqualificando ainda mais os estudos e as interpretações “possíveis” e “reais” do mundo que nos cerca. Podemos citar como exemplos infelizes destas posturas baseadas no vazio como a provável homossexualidade de Machado de Assis apontada por Millôr Fernandes ao retirar três pequenos trechos da obra *Dom Casmurro* que cria, segundo ele, uma ambiguidade em que se poderia perceber um possível ciúmes de Bentinho não em relação a Capitu com Escobar, mas sim, de Escobar com Capitu. E se o personagem provavelmente é, o seu autor também poderia sê-lo. Também os que adotam critérios de incapacidade de um escritor masculino desenvolver uma narrativa em que uma personagem feminina goze de autonomia no

enredo, pois isso só as escritoras mulheres teriam capacidade. E apenas quem for negro que pode escrever ou analisar obras feitas por autores negros. Assim, são diversas as produção de sentido em voga nos estudos literários.

Gumbrecht sobre o conceito-chave de **Produção de Presença** traz a palavra **presença** além do temporal. Marca-a dentro de uma relação espacial com o mundo e seus objetos. Enquanto **produção** refere-se ao ato de ‘trazer para diante’ um objeto no espaço. E o seu posicionamento diante deste conceito-chave é “lutar contra a diminuição sistemática da presença e contra a centralidade incontestada da interpretação nas disciplinas do que chamamos ‘Artes e Humanidades’” (2010, p. 15). Assim, a proposição de Gumbrecht é desqualificar a produção de sentido em voga nos discursos. Retomar aspectos básicos como aproximação efetiva das interpretações e análises dos produtos culturais. E isto se faz necessário, portanto, em um mundo cada vez menos presente de ideias construtivas, pois o que impera hoje são as produções de sentido com o seu esvaziamento de abordagens condizentes com as grandezas e significações das grandes obras artísticas.

A ideia de um arqueólogo-crítico literário, passa pela concepção de substantivação da produção crítica. Fazendo-o um realizador da **Produção de Presença**. Tomamos como substantivação o contato direto e íntimo do sujeito com a obra. Essa aproximação da matéria deve ser desprovida de qualquer condução interpretativa anterior e o único guia presente será a sua experiência desenvolvida pelos contatos anteriores com outras obras. Nada de se buscar “conduções” direcionadoras do seu olhar sobre a obra em apenas um único aspecto.

É o seu desenvolvimento enquanto leitor. Amadurecendo-se na compreensão e na qualificação das suas leituras que o Arqueólogo-Crítico deve se formar. E com o acúmulo das suas experiências e com a junção de outros campos do conhecimento, como por exemplo, das teorias literárias, potencializará o seu olhar interpretativo sobre as obras. E a partir deste

contato substantivado com a obra e com a sua formação intelectual qualificada irá desenvolver ideias interpretativas singulares acerca da produção artística.

Depois deste primeiro momento substantivado, marcado pelo contato com a obra, teremos o desenvolvimento interpretativo surgido como consequência desta substanciação. Assim, irá surgir a adjetivação da experiência estética que resulta da interpretação realizada pelo sujeito que primeiro realizou o contato substantivado com a produção literária vivenciou a experiência estética e quer compartilhar com os demais indivíduos.

Assim, diante deste cenário, o **arqueólogo-crítico literário**, irá através destas etapas de substanciação e, conseqüentemente, adjetivação estética, promover o estímulo necessário para outras substanciação através desta adjetivação estética promovida por ele. Fará com que outros sujeitos se lancem para a realização da experiência estética.

Reconhecemos que, infelizmente, apenas uma adjetivação ideológica é o que tem ocorrido. Os críticos de plantão não tem como uma das suas prerrogativas a formação qualificada de leitores. O que de fato se visa são discípulos de suas ideias, muitas vezes ressentidas, em que a ordem predominante é o panfletarismo se sobrepondo aos valores estéticos. Com essas novas adjetivações baseadas em outras, vão formando uma rede de produções de sentido, esvaziando o valor real de ideias significativas. E o **arqueólogo-crítico literário** deve estar atento a isso e nas suas produções críticas para combater essas formas de esvaziamento e perdas de sentidos das produções literárias com suas experiências estéticas.

Referências

Bayard, P. Como falar dos livros que não lemos? Rio de Janeiro: Objetiva, 2007

COMPAGNON, Antoine. Literatura para quê? Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009

ECO, Umberto. Interpretação e superinterpretação. Tradução MF. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Atmosfera, ambiência, *Stimmung*: sobre um potencial oculto da literatura. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. Puc-Rio, 2014

_____, Produção de Presença: o que o sentido não consegue transmitir. – Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. Puc-Rio, 2010

HAN, Byung-Chul. A Sociedade do Cansaço- tradução Gilda Lopes Encarnação. Coimbra – Portugal: Ed. Relógio D'Água Editores, 2014.

_____. A Sociedade da Transparência - tradução Gilda Lopes Encarnação. Coimbra – Portugal: Ed. Relógio D'Água Editores, 2014.

RIBAS, Raniere. [parte 04]” (Revista Desenredos, número 1, 2009)